

DON QUIXOTE

Publicado por Angelo Agostini

Escritorio e Redacção
Largo da Carioca N.º 4
esquina da rua de S. José.
Sobrado.



D. Q. — Quem és tu? A peste bubonica?!

— Não; sou a peste amarella. Venho queixar-me da injustiça que me fazem. Nunca se importaram conmigo; entretanto, para receber aquella estrangeira fazem grandes preparativos, aprestam-se esquadras, etc, etc. Isto é uma falta de consideração! Vou queixar-me à "IMPrensa".

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos antigos assignantes o obsequio de remetterem ao nosso escriptorio (rua de S. José, sobrado, esquina do largo da Carioca) o endereço de suas residencias, afim de que, de ora avante presida a maior regularidade no serviço de entrega do D. QUIXOTE áquelles que tiveram a gentileza de o assignar. Um extravio do livro relativo á entrega, por occasião da mudança, força-nos a dirigir este pedido aos nossos assignantes — tanto aos que haviam já satisfeito a importancia das respectivas assignaturas, como áquelles que ainda estavam em atrazo.

Continúa a ser o preço para as assignaturas:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre.....	14\$000	Semestre.....	16\$000

O DON QUIXOTE

RIO, 26 DE AGOSTO DE 1899.

ACTUAL POLITICA SUL-AMERICANA

Paraphraseando o celebre *trinum* do inclyto general romano Julio Cesar, synthetizando um acontecimento de character diametralmente opposto, o illustre general Julio Roca, logo depois de chegado ao Rio de Janeiro, podia ter telegraphado ao senado argentino: *veni, vidi, vici*.

E, na realidade, elle *veiu, viu* e conquistou immediatamente os corações brasileiros.

A recepção delirante, o entusiasmo sincero, as inequivocas provas da mais profunda sympathia, por parte da população unanime, devem ter commovido a alma dos nossos hospedes, e enraizado nelles a convicção da espontaneidade das innumeradas provas de consideração e affecto, de que foram alvo durante os poucos dias da sua permanencia entre nós.

Este abraço de dois povos, secularmente mantidos a distancia em attitude mutuamente pouco sympathica e disconfiada, por preconceitos deploraveis, deve ser considerado como um acontecimento de grande alcance na historia das republicas latinas da America do Sul, e os chefes das duas nações que prepararam e realizaram este grande acto, têm ambos bem merecido da Patria.

Um dos principes da litteratura poetica italiana, Alexandre Manzoni, por occasião da morte do grande prisioneiro da ilha de S. Helena, fallando da sua gloria, pergunta: *fu vera gloria?*

Não respondemos nós; o homem que, unicamente movido por desenfreada ambição, foi causa da morte de tres milhões de homens, em poucos annos, não tendo por

unico objectivo nas guerras por elle provocadas, nem a liberdade dos povos, nem a justiça, não alcançou a gloria verdadeira.

Washington, Lincoln, Garibaldi, Gladston, Cavour, Newton, Edison, Volta e outros muitos que trabalharam em prol da humanidade, eis os verdadeiros gloriosos; eis os homens aos quaes devem-se levantar monumentos, que serão a consagração do sentimento da gratidão universal.

Nestes ultimos tempos, as tres principaes nações da America do Sul estão dando ao mundo, o mais lisongeiro espectáculo de uma civilização verdadeiramente evangelica e humanitaria. Não movidos unicamente pelo objectivo dos reciprocos interesses materiaes, mas impulsados por sentimentos elevadissimos, os dignos presidentes das tres principaes Republicas da America Latina solveram pacificamente as divergencias existentes e puzeram-se a caminho, para, unidos, levarem uma pedra á elevação do grande templo da fraternização humana.

O congresso da paz universal em Haya, promovido pelo joven *czar* de todas as Russias, encontra a sua consagração nos intuitos verdadeiramente fraternaes que ligam actualmente o Brasil, a Argentina e o Chile.

O digno presidente da Republica Brasileira, que, com a sua visita aos grandes potentados europeos, grangeou tantas provas de consideração e sympathia para a Patria Brasileira e preparou a visita ao nosso paiz do illustre presidente da Republica Argentina, praticou actos de alta politica internacional, prestando assim dois relevantissimos serviços ao Brasil, serviços que a historia assignalará como merecedores da mais profunda gratidão nacional.

Nossas homenagens, portanto, ao digno presidente da Republica, Dr. Campos Salles, e possa elle, como o benemerito seu predecessor, no dia que sahir do poder, receber do povo brasileiro as manifestações que os povos agradecidos consagram áquelles que bem mereceram da sua patria.

O QUE FICOU DAS FESTAS

Logo que se acabaram as festas, desmancharam-se os pavilhões e coretos, recolheram-se os estandartes, bandeiras e bandeirolas, e ficámos quasi que ás escuras, pois também apagaram as luminarias que por tantas noites brilharam com todo o esplendor electrico ascetylenico e... gazistico, diante dos olhos pasmados de uma população avida de divertimentos e curiosa de novidades. Dez dias de festas, dez dias de grandes passeatas. Os bondes das diversas companhias quasi quebravam-se sob o peso dos passageiros.

Os pobres muarees que os puxavam que o digam!

Tudo voltou hoje ao seu estado normal. Ainda nos ficou, entretanto, uma joia inestimavel e que durará séculos.

Esta joia é uma obra d'arte como não ha superior no mundo, tanto europeu como americano: é a estatua do Duque de Caxias ostentando-se garbosa e imponente no largo do mesmo nome e inaugurada na presença do General Roca.

Esta estatua equestre, obra do grande escultor Bernardelli, foi fundida com a maior perfeição nas officinas do Sr. Quiebault, em Paris, que gozam da reputação de ser das melhores da Europa. Dessa fundição também sahiram a estatua de Alencar e a equestre do general Osorio, do mesmo escultor.

Estes trabalhos e outros do illustre artista foram executados no Rio de Janeiro, onde só a firme vontade d'elle poderia lutar com a falta absoluta de recursos para a confecção entre nós de trabalhos de tal importancia.

Voltaremos mais tarde a occupar-nos desta obra prima.

A PESTE BUBONICA

INFLUENCIA DA DITA SOBRE OS BIFES DE CEBOLADA—NO RIO DA PRATA—INDIA INGLEZA—MEDIDAS SANITARIAS—DR. ABEL PARENTE—NOSSA MARINHA

Um hospede que com certeza não será recebido com entusiasmo nem festivamente como foi o General Roca e mesmo o Dr. Luiz Vianna, é a tal Senhora Peste Bubonica, que, segundo informam os jornaes, anda lá pela terra dos nossos avós—pelo menos na sua maioria—a espalhar o terror e a morte com a maior sem cerimonia.

As suas façanhas limitam-se, por ora, á cidade do Porto, que, apesar de muito commercial, nunca cojitou de semelhante genero de importação.

O caso é sério, não só pelo lado sanitario gravemente compromettido, como também pela parte commercial dessa importante cidade que não só exporta deliciosos vinhos como também muitos milhões de bellas e succulentas cebolas.

Consta que na nossa praça do Mercado, isto é, na parte que ainda não foi queimada, alguns negociantes declararam que o preço destas seria algum tanto *puxado*! E' porque sabem que o nosso porto fechou os portos a todos os navios vindos do Porto.

Imaginem que gemidos vão soltar todos os amadores de bifos de cebolada!

Os argentinos, muito mais previden-

tes do que nós, tomaram-nos a dianteira—como geralmente em tudo—para impedir por todos meios e modos que a terrível peste bubonica, ou antes do diabo, desembarque de algum vapor ou navio de vela nos portos do Rio da Prata. Em Montevideo egualmente lançaram mão de medidas energicas para receber, ou antes, para não receber a terrível e mortífera *touriste*.

Digo *touriste* porque, na verdade, esta senhora peste dá-me assim uns ares de velha ingleza que tem a mania de viajar. Appareceu de repente nas Indias inglezas e creio que gostou do Gange, cujas aguas lhe agradavam, pois que demorou-se bastante tempo em Calcutta e seus arredores. Afinal aborreceu-se e, satisfeita de ter mandado para o outro mundo milhares e milhares de individuos de ambos os sexos, resolveu-se a transpor a cordilheira do Himalaya, que, entretanto, é bem alta, para dar um passeio pela Asia toda, espalhando aqui e acolá a morte ou pelo menos medonhas cólicas, assim como quem distribue presentes e confeites como lembrança!

Não satisfeita com isto, esta medonha e horrível viajante entendeu dar um passeio á Europa e desembarcar em Portugal, escolhendo a cidade do Porto, naturalmente pela fama de seus vinhos tão conhecidos nas Indias inglezas e no Hindostão, e tão apreciados pelos filhos de S. M. Britannica e Imperatriz das Indias.

Consta nos circulos diplomaticos que esta respeitavel e veneranda Rainha tem uma quédá especial pelo Porto Wine e que o uso deste succulento e dourado nectar tem sido, segundo a abalisada opinião de seus medicos e de altas summidades scientificas, a causa principal de seu longo e feliz reinado. *God Save the Queen*.

Entre nós já se resolveu a tomar algumas medidas quarentenarias á imitação das do Rio da Prata, o que prova que, além de fraternisarmos politicamente por meio de visitas e festas a chefes de Estado, trocando discursos e cumprimentos laudatorios, o que é muito mais agradável do que fuzilarias e tiros de peças, também nós nos entendemos com as nações vizinhas e alliadas para repellar o inimigo commum que ameaça o territorio Sul-Americano.

Já o Dr. Nuno de Andrade, inspector geral de saúde do porto, e o Dr. Cotrim, da Directoria de Hygiene desta cidade, tomaram suas medidas para combater com toda a energia o terrível flagello.

Até o Dr. Abel Parente, que não perde vasa para deitar *réclame*, queremos dizer, artigo scientifico, publicou uns longos artigos na *Noticia* com o titulo de « Peste bubonica »

Não li ainda os taes artigos por falta de tempo e também porque a peste bubonica ainda está longe. Estou, porém, convencido de que estes escriptos juntos com outras medidas hygienicas darão um excellent resultado para combater effizamente a maldita peste, se por aqui apparecer.

Mas, cá entre nós, meus caros leitores, estou bem convencido de que somente a Divina Providencia, para quem sempre appellava um antigo ministro da monarchia, o conselheiro José Bento, é que pôde nos livrar de tal calamidade, impedindo que ella aqui appareça.

As taes medidas e providencias que se darão em terra, não poderão deixar de parecer-se com as que se tomaram no mar.

Por isso fazemos nossas as patrioticas e justas observações do *Jornal ao Commercio*, que abaixo transcrevemos. O que nos parece illusão da parte do collega é elle suppôr que haja quem seja capaz nesta nossa terra de querer apurar responsabilidades. Se assim fosse, tudo entre nós, e sobretudo em materia de administração, andaria muito melhor.

Um sem numero de milhares de contos de réis foram desfalcados dos cofres de varias repartições publicas. O collega mande o amigo Senna (coronel) indagar na Casa de Correção se lá estão presos os taes que metteram a mão na combuca; elle, de certo, voltará dizendo: Nenhum!

Eis o artigo:

« Informaram-nos de que por parte do ministerio da guerra estão dadas todas as providencias afim de que as fortalezas das barras do Pará, Recife, Bahia e Santos possam impor aos navios mercantes as providencias aconselhadas pela Directoria de Saúde Publica contra as procedencias suspeitas de peste bubonica.

Apezar disso, urge que os navios de guerra escalados para garantir mais effizamente esse serviço se dirijam quanto antes aos seus destinos. O Amazonas ficará mais resguardado com a vigilancia de um vaso de guerra. Seu ponto mais estreito na vizinhança do littoral é Obidos, e para lá, só no primeiro paquete, vae partir um official encarregado de montar dous canhões calibre 15. Armamento igual vae reforçar os portos do Pará e Santos. Outro ponto que merece attenção é o porto da Victoria, que tem frequentes re-

lações com a Europa e está de todo desarmado.

Sabemos que hontem o Sr. presidente da Republica fallou sobre o assumpto ao Sr. ministro da marinha.

E' de lamentar que os nossos navios de guerra se achem em estado de não poder cumprir, com a presteza devida, commissão de tanta urgencia e importancia. Até hontem nenhum delles havia deixado o porto.

Ainda está viva a triste impressão que elles nos deixaram no dia da partida do General Roca.

O *Aquidaban*, que nos custou somma consideravel e esteve cêrca de dois annos no estrangeiro, ora só se movia para trás, ora só se movia para diante. Engenheiros navaes, machinistas, gente nova, tudo veio a postos verificar tão triste facto.

O *Riachuelo*, terminados concertos radicaes, foi atirado sobre um baixio nos mares de Santa Catharina. Diz-se que mais de 800:000\$000 foram consumidos para concertal-o, e logo depois se annunciava que elle sahira do dique com as condições de equilibrio alteradas.

O *Benjamin Constant* ha quasi um anno espera substituir os tubos da machina.

O *Tamanduré*, o navio de ouro, que já consumio 42.000:000\$000 (!), não está apto para navegar.

E todas essas irregularidades, todos esses estragos se dão, sem que ninguem seja responsabilizado.

Parece que desapareceu da administração naval a idéa da responsabilidade. Navios, que nos custam sommas enormes, são inutilizados, sem que ninguem responda por tamanhos prejuizos.

Ainda agora perdemos um official valente, fulminado pela explosão de um morteiro, e, ao que nos consta, nenhuma providencia foi dada para apurar a responsabilidade dos causadores involuntarios de tamanha desgraça. Nove morteiros, oito além do que matou o tenente Torelli, rebentarão prematuramente. Qual a causa desse accidente? Elle resultou da composição do morteiro, ou antes dos fachos illuminativos, que desenvolveram excesso de gases? Tudo isso deve ser minuciosamente averiguado.

O Sr. almirante Pinto da Luz inicia sua administração sob esses tristes auspicios; mas seu conhecimento pessoal da situação pôde guial-o a apurar essas responsabilidades. Estamos certos de que S. Ex. será effizamente auxiliado por todos os que têm a paixão da sua classe e por aquelles que fóra della acompanham com o coração a sorte de nossa marinha de guerra.»



Dr. Campos Salles — O que é isto, Sr. Ministro?!
Cerveja marca barbaute para a officialidade
da Marinha brasileira offerecer aos seus collegas
argentinos!

D. Balthazar da Sil.ª — Sr. Presidente, é a que
eu uso; é boa e muito barata.

No tempo do saudoso
Imperio, Sr. Presidente,
um ministro da Mari-
nha supprimiu os pa-
litos e tambem as ba-
nanas.

Outro ministro, igualmente
economico, espantou-se diante
a quantia de quatro contos de reis,
gastos pelo Sr. Custodio de Mello em
Valparaiso, n'um banquete offerecido
aos nossos amigos Chilenos.

Sancho Pança observa que o Ex. Sr.
Ministro, (hoje ex.) não teria duvi-
dado offerecer um banquete de queijo
e bananas aos illustres hospedes argen-
tinos; um verdadeiro festim de Balthazar!
AB. O encarregado de repartir o queijo, teria
sido o Sr. Bozier do restaurant francoz da
rua de Uruguayana.

A Imprensa da Capital, indignada contra o
reporter do Jornal do Commercio que raptou o discurso
do G.º Roca no banquete da Prefeitura

A Republica Brasileira agradece ao Dr. Campos
Salles o modo brilhante e digno com que soube re-
presentar a perante seu collega da Republica Ar-
gentina.

O Dr. Domingos Freire,
fallecido em 21 de Agosto.

Troca de amabilidades entre o "Jornal do
Commercio" e a "A Imprensa" ainda por causa
do discurso do General Roca.

Se o tal discurso pôz a imprensa em alvoroço, o mesmo aconteceu
à Marinha com a espada do General Roca.
— Larga! — Não larga! — É para a Marinha. — Não ha ha, é minha!
De toda parte ouve-se gritar: Larga! Mas a espada é de ouro... e
D. Balthazar não a larga.

12.000:000\$000 !

O Fanfulla, a sympathica folha italiana que se publica em S. Paulo, informa-nos que as despesas feitas por ocasião das festas ao General Roca, sobem á insignificante quantia de doze mil contos.

A quanto não teriam subido estas despesas si o General Roca e sua numerosa comitiva tivessem o mesmo fraco pela cerveja, que tem o digno director proprietario d'*O Fanfulla*?

Diz mais *O Fanfulla* que o illustre ministro da fazenda, *espantado* diante do terrivel algarismo de doze mil contos, recusa-se terminantemente ao pagamento.

Estas cousas todas, assevera *O Fanfulla*, agora haverá quem acredite nellas?

Não haverá muita cerveja na noticia do nosso collega de S. Paulo?

PIO TORELLI

Como solemne homenagem prestada ao 1.º tenente d'armada Pio Torelli, roubado á vida quando mais se podia esperar da sua bravura e dedicação, publicamos o seu retrato.

O facto da desastrosa morte do bravo official exactamente na ocasião em que a sociedade fluminense festejava o seu illustre hospede, o presidente da Republica Argentina, calou profundamente no animo não só dos seus camaradas, como tambem no de todos que tiveram a ventura de conhecê-lo.

Ainda na quarta-feira, ás missas rezadas por alma do inditoso official, a numerosa concurrencia que a ellas assistiu, composta de collegas e amigos do morto, attestou eloquentemente a estima e alta consideração em que era tido o illustre marinheiro.

LIVRA!

Quasi diariamente os jornaes estampam em suas columnas sob os titulos de *Assassinato — Facadas — Navalhadas — Conflictos e Mortes*, etc., um sem numero de factos sanguinarios que bem mostram o estado deploravel a que chegou esta capital por falta de castigos severos e disciplinares, quando se trata de praças do exercito ou da armada, e de leis efficazes para reprimir esses crimes quando os delinquentes são paisanos.

Esses factos são publicados quasi sem commentarios, pois que a imprensa sabe que seria prégar no deserto.

Em toda parte do mundo ha crimes,

e tão horrorosos ou mais do que entre nós. Em todos os paizes rouba-se e até mata-se para roubar. O assassinato ahi tem um fim, o roubo. Entre nós é um facto rarissimo matar para roubar.

Aqui mata-se por prazer, ou por causa de qualquer rixa insignificante, ou por experimentar si a navalha está bem afiada, ou porque alguém intervem para apasiguar e evitar derramamento de sangue. Quasi sempre este alguém é victima.

Um facto bem original é o que se deu na ladeira da Misericordia no dia da festa da Gloria, em que foram victimas dois cidadãos que recolhiam-se para suas casas ás 10 horas da noite.

Vendo um grupo de desordeiros que altercava pararam um instante; foi quanto bastou para excitar a ferocidade e os instinctos sanguinarios dos dois malvados de nome Costa, vulgo *Bexiga*, e um tal Peixoto, os quaes, atirando-se sobre elles, espancaram-nos e golpearam-nos á navalha a cabeça e os braços, não tendo podido attingir o ventre como queriam, por terem acudido varias pessoas em defesa das pobres victimas, que afinal foram medicadas numa pharmacia.

De policia... nem um apito! Portanto, ninguem foi preso.

No dia seguinte, e ahi está a originalidade do caso, um dos malvados, o tal *Bexiga*, gabou-se diante do pescador Gaspar Gonçalves das suas façanhas da vespera.

Como este não as approvava, suscitou-se logo calorosa discussão, que terminou por um bello socco dado pelo Gaspar e que achatou algum tanto o nariz do terrivel *Bexiga*.

Este, — quem diria? — foi logo queixar-se a estação policial, que mandou varias praças para prender Gaspar. Averiguada a causa do tremendo bofetão, ficou então sciente a autoridade da tentativa de assassinato da vespera e o *Bexiga* é quem ficou preso.

Pelo que se vê este faccinora nem consciencia tinha de ter commettido um delicto.

A estação dos bondes de Villa Isabel, já tão conhecida pelas suas façanhas e disturbios provocados pelo seu pessoal, deu ensejo ultimamente a um desdobramento de forças extraordinario, que parecia outra parada igual á que assistio o general Roca.

Praças de cavallaria e infantaria do corpo policial e do exercito para lá foram sob o commando do general, quero dizer, do delegado Dr. Tourinho, que tem andado ultimamente nuns apuros medonhos com tantas tropelias na sua circumscripção.

Para lá foram tambem as altas autoridades policiaes, pois que o caso, segundo o que se dizia, era grave.

Depois de tudo inquerido e verificado, soube-se que tres praças do 1.º regimento de cavallaria entraram num botequim fronteiro á estação dos bondes e ahi fizeram grande chinfrinada, escangalhando tudo, esbordoando a todos sob pretexto que queriam vingar um camarada etc., etc. A presença da força policial e do exercito resfriou algum tanto a sêde de vingança e o facto em si não passou de um facto commum, pois que infelizmente já estamos acostumados a vêr relatar quasi diariamente as façanhas de alguns desses valentes que vestem farda, mas não sabem honral-a e dão bem triste idéa do que é disciplina militar.

Lastimando estes factos, estamos convencidos de que as proprias corporações militares participarão dos nossos sentimentos, enviando todos os meios disciplinares para tornar mais rara sua repetição, pois não ignoram que o que faz a gloria de uma grande nação é o seu exercito bem disciplinado.

Quanto ao mais não temos senão louvores a dar ás corporações armadas pelo garbo com que se apresentaram nas ultimas festas e particularmente na brilhante parada do campo de S. Christovão, onde causaram verdadeiro entusiasmo no povo, pelo modo correcto e brilhante com que se apresentaram.

DR. DOMINGOS FREIRE

Uma noticia tão dolorosa quanto inesperada espalhou-se nesta cidade ao cahir da noite de 21 do corrente.

Às 5 horas da tarde falleceu nesta capital o illustre sabio brasileiro Dr. Domingos Freire, cujo retrato publicamos.

Nasceu no Rio de Janeiro a 5 de Novembro de 1843.

Prestou, como medico, relevantes serviços na campanha do Paraguay.

Entrando em 1871 em concurso para uma cadeira da Faculdade de Medicina, conquistou-a brilhantemente.

Foi mais tarde pelo governo, que reconheceu as suas extraordinarias aptidões, enviado em comissão á Europa, apresentando de volta um relatorio minucioso e importante dos seus estudos e trabalhos.

Representou no anno de 1887 muito honrosamente o Brasil no Congresso Medico Internacional de Washington.

Foi mais tarde a Berlim e, nestes ultimos tempos, visitou Buenos Aires, manifestando em toda parte a sua alta capacidade scientifica.

Dedicou-se profundamente ao estudo da febre amarella, tendo sido os seus trabalhos a este respeito reconhecidos de altissimo valor.

Trabalhando sempre exclusivamente por amor á sciencia, desprezava nobre-

mente qualquer intuito de interesse material.

Não deixa fortuna o illustre morto.

A Patria perdeu no Dr. Domingos Freire um dos melhores e mais nobres dos seus filhos; e o perdeu exactamente quando tinha ainda muito e muito a esperar de seu fortissimo talento.

THEATROS

No S. Pedro de Alcantara, na noite de 22, a *Gioconda*, drama de Gabrielle d'Annunzio.

Este trabalho, tão discutido no mundo litterario europeu, foi apenas benevolmente recebido pelo nosso publico.

A Clara della Guardia, artista absolutamente de primeira plana, e os seus dignos companheiros obrigaram o publico numeroso e selecto aos applausos, comquanto muitas bellezas da obra d'Annunzio não fossem pelo publico inteiramente comprehendidas.

LYRICO

O empresario Milone, que em 30 ré-citas de assignatura teve a coragem de mimosear o publico fluminense com 24 operas differentes, transportou-se com os seus *maviosos sabiás* para a capital do Estado de S. Paulo.

Que os paulistas saibam corresponder á boa vontade do Sr. Milone, é quanto desejamos ao empresario.

..

Sympathizando muito com a idéa de um monumento ás victimas do couraçado italiano *Lombardia*, transcrevemos da *Gazeta de Noticias* as seguintes linhas, publicadas na sua secção dos theatros:

« Parece que o beneficio que se está organisando para auxiliar a construcção de um monumento ás victimas do cruzador italiano *Lombardia*, terá um concurso extraordinario.

Apezar de terem sido levantados os preços, a procura de camarotes e de cadeiras foi grande hontem.

O programma será variado e conterá uma comedia de Cavallotti: *La figlia di jefte*, e uma comedia alegre que fez ha quatro annos um enorme successo, *Minha mulher não tem chic*.

Haverá nos intervallos um quarteto de bandolim, piano, flauta e violino, e alguma outra surpresa.

O programma será definitivamente organizado hoje.

— O espectáculo organizado pelo Circolo Operaio Italiano realiza-se domingo proximo, no theatro S. Pedro, em beneficio do monumento que vae ser erigido aos mortos do cruzador *Lombardia*.

O conde Antonelli, ministro da Italia, assistirá ao espectáculo junto com outros diplomatas seus collegas, pelos quaes elle já distribuiu alguns bilhetes de frizas.

Os socios do Circolo Operaio Italiano irão incorporados ao theatro, tendo cada socio adquirido cadeiras e outros logares.

Durante o espectáculo tocará no saguão a banda de musica do 7º batalhão, gentilmente cedida para esse fim pelo seu digno commandante, coronel Piragibe.

O interior do theatro será vistosamente enfeitado com as bandeiras que possui o Circolo, e que representam todas as provincias da Italia.

A *Gazeta de Noticias*, querendo concorrer para o bom exito dessa obra, que honra o espirito patriotico da digna colonia italiana, mandou declarar á commissão organisadora do espectáculo que deseja comprar os logares que no theatro são destinados a esta redacção.

A commissão acceitou agradecida esse offerecimento.

— Na noite de segunda-feira, neste theatro, o drama *Odette*, de Sardou.

Foi uma nova victoria pelos artistas Clara della Guardia e Andréa Maggi.

O publico teve ensejo para reconhecer na actual companhia italiana um conjunto absolutamente de primeira ordem.

APOLLO

Representou-se na noite de segunda-feira, pela primeira vez nesta época, a laureada opera-comica de Lecocq *O dia e a noite*.

Os papeis principaes foram confiados á distinctissima actriz Palmyra Bastos, que já mereceu as mais lisongeiras referencias da imprensa de Lisboa, e ao actor José Ricardo, que desempenha galhardamente a sua parte.

Foi este um novo triumpho da companhia Souza Bastos.

RECREIO

Neste theatro realizou, na noite de 24 do corrente, a sua festa artistica a sympathica actriz Salvadora do Valle, com a magica — *A chave do inferno*.

O espectáculo correu regularmente, tendo sido bastante numerosa a concurrencia.

NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

O ANNUARIO ILLUSTRADO DO « JORNAL DO BRASIL » para o anno de 1899.

Esta publicação é realmente importante e as diversas materias de que trata são de maior interesse para o publico.

Para as necessidades da vida social tem um vasto repositório de legislação, de consultas, assim como varias informações historicas, chronologicas, astronomicas etc. e a parte religiosa tratada com especial cuidado.

As illustrações interessantissimas são feitas pelo habil e espiituoso desenhista Celso, muito nosso conhecido.

O Sr. tenente-coronel Gaspar de Souza e o Dr. Pedro Carvalho de Moraes merecem os maiores louvores pela bella organização deste annuario, destinado a prestar reaes serviços ao publico desta capital.

Aos editores e collegas do *Jornal do Brasil* os nossos sinceros parabens.

CALENDARIO PERPETUO INSTANTANEO, distribuido pelo Sr. Bhering, da importante Fabrica de Cacáo e Chocolate, e que serve para todos os seculos da era christã, passados, presentes e futuros.

E' o que se lê no calendario.

Isto quer dizer que nunca mais receberemos outro.

Será o mesmo em relação ao chocolate?

CARAS Y CARETAS. Bellissimo semanario litterario e artistico que se publica em Buenos Aires e cujas bellas illustrações impressas em phototypia, sendo muitas destas coloridas, mostram o gráo de adiantamento em que se acham as artes graphicas na terra de nossos bons amigos os argentinos.

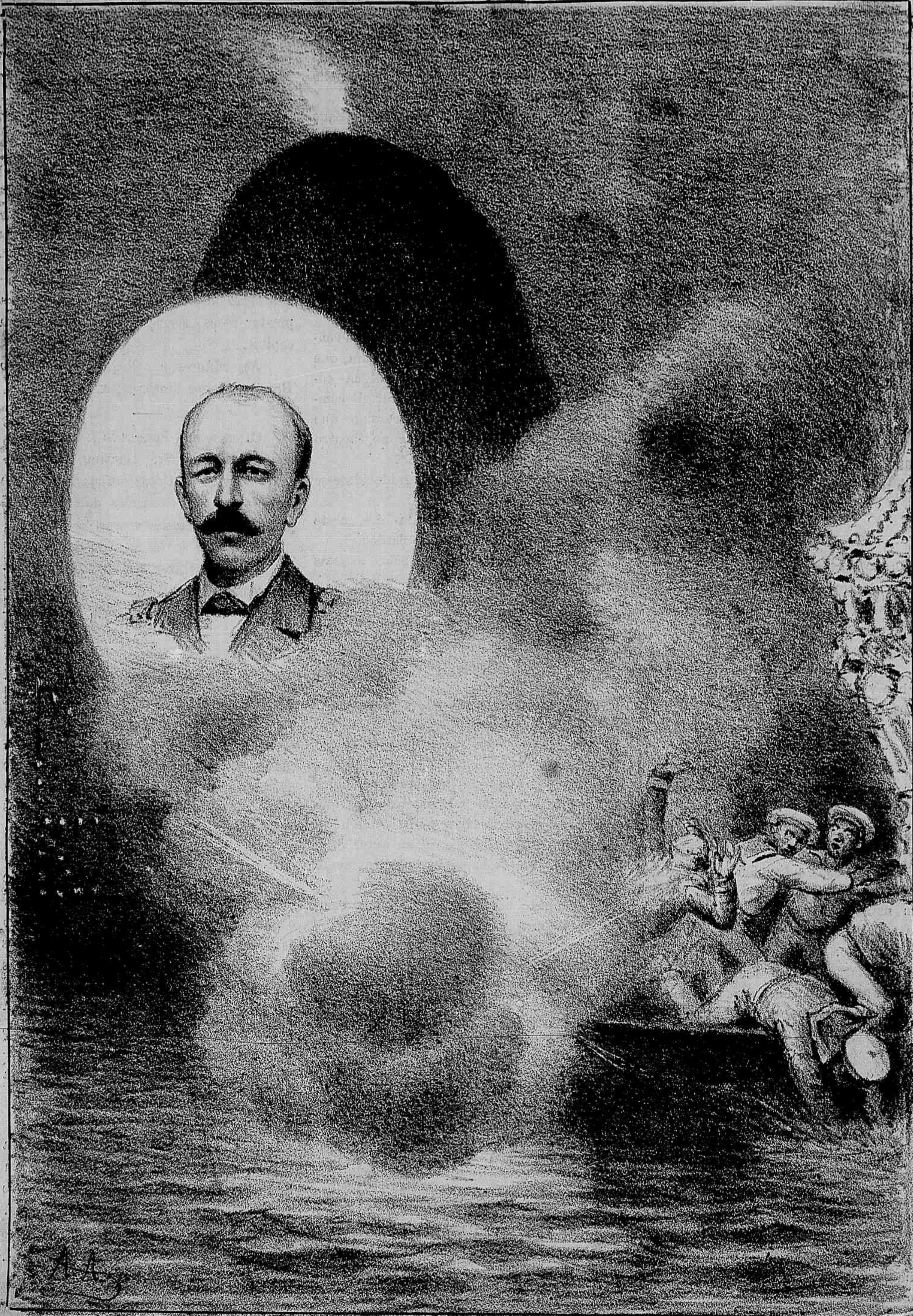
A ESTAÇÃO. Os ns. 13, 14 e 15 deste anno, que contêm, além de bellos figurinos, o que muito deve interessar o nosso bello sexo, excellentes gravuras, reproducções de quadros importantes e muitas outras cousas dignas de se ler e apreciar.

Esta publicação é tão util e tão importante para as nossas familias, que não podemos deixar de cumprimentar os Srs. Lavignasse Filho & C., successores da Casa Lombaerts, que a editam.

A CAPITAL PAULISTA n. 3. Revista mensal de artes e lettras publicada em S. Paulo. Este numero traz o retrato do Dr. Bernardino, procurador da Republica.

CONVITE para as corridas do Jockey-Club. Estiveram bellissimas.

Officina de obras do JORNAL DO BRASIL



Pío Torelli, 1.º tenente da Armada.

Morto pela explosão de um morteiro durante a festa Veneziana na enseada de Botafogo, em 16 de Agosto de 1899.